

Padre Gabriel Malagrida a grande vítima do Marquês de Pombal

FERNANDO CÂMARA*

Como entusiasta da história eclesiástica do Brasil, há muito desejava aprofundar-me na vida do grande missionário italiano, o jesuíta PADRE GABRIEL MALAGRIDA que, durante mais de trinta anos peregrinou pelo Norte e Nordeste brasileiros; ele percorreu, de pés descalços, mais de dez mil quilômetros em sua missão apostólica, catequizando índios, convertendo prostitutas, além de construir igrejas, seminários, mosteiros e abrigos.

Um precursor, digamos assim, do nosso conhecido Padre Ibiapina.

Este meu interesse pelo conhecimento de sua história foi despertado durante os anos em que residi em Belém, no Pará (1956/1962), onde desempenhava minhas atividades na empresa Pará Refrigerantes S.A., quando pude sentir a veneração do povo paraense pelo grande mártir da Inquisição em Portugal.

Depois de conhecer a sua majestosa catedral, visitei um dia o seu bissecular seminário, cuja fundação data de 16 de junho de 1749 e, sem dúvida alguma, a principal obra do padre Malagrida naquele Estado, durante o episcopado do bispo dominicano dom Miguel Bulhões.

Situado na praça Dom Caetano de Brandão, em plena Cidade Velha, fica defronte da Catedral de Nossa Senhora de Belém, tendo ao seu lado a igreja de Santo Alexandre e a residência arquiépiscopal.

Na época de minha visita, era seu reitor o cônego Milton Pereira, mais tarde promovido a bispo auxiliar da Arquidiocese de Belém, posteriormente bispo de Garanhuns, em Pernambuco, e finalmente arcebispo de Manaus, onde faleceu no exercício do cargo.

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Grandes nomes do Episcopado brasileiro ocuparam a Mitra do Pará, destacando-se, em primeiro lugar, dom Antônio Macedo Costa, a maior expressão da Igreja no Brasil Império e uma das vítimas da Questão Religiosa; dom Jerônimo Tomé da Silva, ilustre cearense de Sobral, que sucedeu a dom Antônio Macedo Costa, tanto no bispado paraense como no arcebispado da Bahia, onde pontificou por trinta anos (1894/1924); dom Antônio de Almeida Lustosa, mais tarde arcebispo de Fortaleza, sendo considerado pelo saudoso papa João Paulo II “um sábio e um santo”; dom Jaime de Barros Câmara, depois cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro; dom Mário Villas Boas, insigne orador sacro; e muitas outras figuras de renome nacional.

A família

Feitas estas considerações, voltemos, porém, à figura do grande missionário da Amazônia, que era natural da Itália, como já foi dito, tendo nascido em 18 de setembro de 1689, na vila de Menaggio (Comune di Menaggio), situada na margem ocidental do famoso Lago di Como, que fica ao Norte daquele País.

Seu pai, dr. Diogo Malagrida, era médico de grande talento e espírito humanitário, casado com d. Ângela Rusco, e o casal gozava da estima e consideração das mais ilustres famílias italianas da região, sendo amigo íntimo do duque de Parma, o qual se hospedava em sua residência todas as vezes que ia tratar de negócios na vila de Menaggio.

Outro seu amigo era o duque de Savóia, fundador da Universidade de Turim, onde quis colocá-lo como professor de sua Faculdade de Medicina, cargo que gentilmente recusou para continuar morando em sua vila natal, cuidando sempre dos humildes e necessitados.

Quando visitava os enfermos mais distantes, muitas vezes levava o pequeno Gabriel, a quem chamava de “anjo de minha família”.

O casal Ângela e Diogo Malagrida teve onze filhos, sendo o quarto o futuro padre Gabriel Malagrida; outros dois irmãos também abraçaram o sacerdócio: Carlos Ambrósio, falecido em 13 de maio de 1734, aos 38 anos de idade, como professor de Teologia em Roma, e Miguel Malagrida, cônego em Menaggio.

Desde cedo, o jovem Gabriel já demonstrava penhores para as letras e aos doze anos de idade foi matriculado no colégio dirigido pelos padres So-

mascos, na cidade di Como. Tornou-se logo um aluno exemplar que passava horas lendo seus livros, privando-se sempre dos recreios ou passeios, chegando mesmo a conquistar prêmios por suas atividades literárias.

Não descuidava, porém, de sua vida religiosa, praticando atos de piedade cristã e mortificações, inclusive jejuando três vezes durante a semana. Estava constantemente a serviço do Senhor, ajudando a Santa Missa, doutrinando os pobres, e certa vez subiu ao púlpito para pregar ao povo e isto o fez com tanta eloquência que muito impressionou o arcepreste de Menággio, Nicolau Tedeschi.

A vocação religiosa

Ainda se encontrava no colégio de Como quando sentiu o chamado de Deus para a vida religiosa. Depois de muita reflexão, consultou o seu confessor, um santo e prudente sacerdote, e este o aconselhou a ingressar na Companhia de Jesus, dos padres jesuítas, onde ele melhor desempenharia a sua missão evangélica.

Transferiu-se, a seguir, para o seminário de Milão, ali fazendo os cursos superiores e, no dia 27 de setembro de 1711, aos 22 anos de idade, ingressou no noviciado jesuíta em Gênova.

A Companhia de Jesus

Com este designativo castrense, foi fundada por Inácio de Loiola, um militar que, ferido no cerco de Pamplona, na Espanha, tornou-se religioso – depois Santo – e dizia mesmo que não havia abandonado a luta, mas apenas passado a servir às ordens de Deus, fazendo um voto de obediência passiva ao papa.

Adotando por lema PARA MAIOR GLÓRIA DE DEUS, achava que a vida religiosa era um afastamento do mundo; e, ao invés de conventos fundou colégios, formando, entre o seu clero, professores que abraçariam os estudos para os quais tivessem mais pendor, tornando-se, também, grandes nomes que iriam evangelizar as terras onde imperava o paganismo. Era a Providência Divina que se manifestava através dos inicianos, como eram conhecidos naquela época, para enfrentar os grandes males que a Igreja Católica vinha sofrendo com a Reforma do ex-monge agostiniano Martinho Lutero.

Vários foram os missionários jesuítas que se destacaram na evangelização dos povos: Francisco Xavier, no Oriente, Manoel da Nóbrega, Anchieta, Antônio Vieira, e outros, no Brasil.

Outro nome iria ser acrescentado na relação desses abnegados catequistas, o do nosso Gabriel Malagrida que, após dois anos de noviciado, em que se dedicou de corpo e alma à oração e às mais rigorosas mortificações, muitas vezes recriminadas por seus próprios superiores, voltou aos estudos literários que havia iniciado em Como, tornando-se em pouco tempo um respeitado professor.

Missionário e professor

Ordenado sacerdote aos 24 anos de idade, foi logo designado para missionar em uma aldeia na diocese di Como, juntamente com seu colega, padre Mariani, o que fez com muita abnegação e sucesso.

Todavia, não deixou de fazer o seu lamento:

“Aos povos da Itália não cansam os meios de chegar à salvação; além-mar, pelo contrário, inúmeras nações jazem ainda nas trevas da idolatria: vamos acudir essas almas desamparadas”.

Resolveu escrever ao Geral da Companhia de Jesus, padre Miguel Ângelo Tamburini, fazendo um veemente apelo para ir servir na catequese dos selvagens nas missões existentes no Novo Mundo.

O Padre Geral louvou o seu gesto prometendo no futuro atender as suas súplicas e, tendo conhecimento de seus dotes culturais, o designou para o cargo de professor de Humanidades do colégio de Bástia, na ilha de Córsega, no Mar Mediterrâneo.

Ali soube desempenhar a nova função com muita dedicação e talento e, embora envolvido nas lides culturais, mantinha seu pensamento sempre voltado para as missões no Brasil. Insistiu com seu pedido ao Padre Geral e, com muita alegria, recebeu a autorização necessária para ir juntar-se aos jesuítas que catequizavam no Maranhão.

Embarcou imediatamente em Gênova com destino a Lisboa, onde tomaria um navio para nosso País. Depois de longa e cansativa viagem, desembarcou pelos idos de 1721 em São Luís, seu novo campo de atividades apostólicas.

No reinado de dom João III, de Portugal, a então capitania do Maranhão fora doada a João de Barros, mas nem ele nem seus filhos

empenharam-se em colonizá-la. O mesmo procedimento teve seu sucessor, Luís de Melo da Silva, ficando a mesma abandonada até 1612 quando foi ocupada pelos franceses, os quais, depois de três anos, foram expulsos pelos portugueses.

Em 1641 volta a ser ocupada, agora pelos holandeses, que ali permaneceram até 1644, quando foram definitivamente expulsos pelos lusitanos. Posteriormente aquele imenso território foi dividido em dois: Maranhão e Grão-Pará.

Os primeiros missionários que estiveram no Maranhão foram os padres Francisco Pinto e Luís Figueira, ambos jesuítas, os quais partiram de Pernambuco em 1607 e depois de um ano de viagem, vencendo cerradas florestas, onde padeceram toda espécie de privações e sofrimentos, chegaram ao seu destino. No ano seguinte tentaram uma missão na região da Ibiapaba, mas aconteceu o martírio do padre Francisco Pinto pelos selvagens, obrigando seu companheiro a retirar-se para Pernambuco.

Outro grande missionário que ali esteve, em 1652, foi o famoso orador sacro padre Antônio Vieira, o qual, fugindo dos aplausos da Corte, preferiu abraçar a vida missionária aqui no Brasil.

Cabia agora ao padre Gabriel Malagrida dar continuidade ao trabalho destes arautos da fé em terras maranhenses. Todavia, os seus novos superiores não lhe concederam logo a incumbência de evangelização dos gentios. Mandaram-no, juntamente com o padre Luís Maria Bucharelli, anunciar a Palavra de Deus aos habitantes de São Luís, e mais tarde, reconhecendo sua oratória, designaram-no pregador no colégio existente em Belém.

Fez a longa e cansativa viagem de São Luís ao seu novo destino a pé, carregando nas costas um alforje contendo seu breviário e todo o necessário para a celebração da Santa Missa, enfrentando as adversidades possíveis naquela região infestada de índios selvagens e ferozes animais. É certo que não lhe faltou a proteção Divina nessa viagem de mais de 200 léguas, tendo chegado ao novo campo de ação em 1722.

Com muito zelo e edificação conquistou a estima e a confiança de sua comunidade e dos jovens alunos daquele colégio, tornando-se confiante de seus colegas sacerdotes, sempre consultado na solução dos problemas da instituição.

Em pouco tempo era considerado o jesuíta de maior capacidade para reger a congregação dos jovens estudantes, o que fez com muito

amor e dedicação, inspirando em todos eles o horror ao pecado e fugir de tudo aquilo que pudesse “desbotar-lhes a flor da castidade” e incentivando sempre uma grande devoção à Virgem Maria, Mãe de Jesus.

Não se preocupava, porém, apenas com a juventude de seu colégio e um dia, percorrendo as ruas daquela cidade, sentiu como seus habitantes viviam distanciados da Palavra de Deus. Em acordo com seus superiores, resolveu fazer durante oito dias, missões na capital paraense, atraindo enorme multidão para ouvir suas prédicas, seguidas de confissões. Em pouco tempo a cidade era outra e o povo voltou a frequentar com mais assiduidade as suas igrejas.

Resolveu, então, levar sua ação missionária para outras localidades interioranas, algumas das quais distantes mais de cem léguas da capital, atravessando florestas e muitas vezes sem encontrar nada para alimentar-se.

É chamado de volta para São Luís e depois de uma longa viagem, sempre a pé, chegou ao Maranhão, recebendo sua nomeação para reitor da missão dos índios tobajaras (não confundir com os tabajaras, do litoral nordestino) a vinte léguas daquela cidade e compreendia toda a margem esquerda do rio Itapecuru.

Além dos tobajaras, ali viviam outras tribos indígenas, como os tupinambás, que já possuíam certo grau de evangelização; os caicaizes, gentios ferozes até que os missionários, antecessores de Malagrida, conseguiram catequizá-los; também os temíveis guanarés, cuja catequese foi tentada pelo jesuíta padre João Villar, o qual acabou sendo morto por eles em 27 de agosto de 1719. Seu corpo foi encontrado dias depois incorrupto, boiando sobre as águas do rio, rodeado de peixes, os quais não tocaram em seu cadáver. A ira Divina abateu-se sobre estes selvagens através de uma epidemia que dizimou grande parte daquela tribo, a começar pelo índio que prostrara aquele mártir jesuíta: foi devorado por insetos e vítima de terríveis dores em todo o corpo.

Era este o novo campo de atividades para o qual o padre Gabriel Malagrida fora designado e que tanto aspirava em sua alma missionária. Ali, mal abrigado em uma choça de palha, iniciou seu apostolado junto àqueles silvícolas, ensinando-lhes o catecismo, as orações da Igreja, e falando-lhes, também, dos castigos e da recompensa Divinas. Visitava-os em suas cabanas, medicava os doentes e privava-se muitas vezes de seu alimento para doá-los aos enfermos.

A sua dedicação e o seu amor a estes selvagens foram aos poucos conquistando a confiança daquelas tribos e, algum tempo depois, muitos recebiam as águas lustrais do batismo. Era o próprio Cristo que, ouvindo as ardentes preces daquele abnegado missionário, atendia os seus pedidos.

Os caicaizes, em cujo meio se encontrava o padre Malagrida, eram constantemente atacados pelos guaranés, que já haviam morto, como vimos, o padre João Villar; para pôr fim a estas perseguições, resolveu o nosso santo missionário tentar a sua catequese. Conseguiu reunir alguns presentes e, na companhia de vinte catecúmenos caicaizes, foi ao encontro dos ferozes guaranés. Para surpresa geral, foram recebidos triunfalmente e conduzidos a uma cabana onde ficaram alojados.

Longe estava o padre Malagrida de suspeitar da traição que eles lhe preparavam. Enquanto dormiam, aqueles bárbaros reuniram-se em assembléia e decidiram liquidá-los ao alvorecer do dia seguinte. Quando acordou, o missionário ouviu uma voz misteriosa que lhe dizia: “fugi depressa, que estais em perigo”. Olha em seu derredor e nada observou de anormal; tudo muito calmo.

Quando menos se esperava, os guaranés invadem aquela cabana atirando flechas por todos os lados e os catecúmenos se prostram aos seus pés pedindo insistentemente o batismo. Tranqüilo diante daquele terrível drama, o padre Malagrida vai buscar um vaso com água e batiza os companheiros, abrindo-lhes a porta do céu.

Depois de haver batizado o último catecúmeno, os bárbaros enfurecidos arrastam-no para fora da cabana, despem o seu hábito e o amarram em um tronco de árvore, saqueando, em seguida, os seus poucos pertences, inclusive os objetos sagrados para a celebração da Santa Missa. O santo missionário, sereno, volve os seus olhos para o céu e agradece a Deus a glória de ser digno de seu martírio.

Os indígenas se reúnem para decidir a sorte do prisioneiro, e os chefes daquela tribo pediram a sua morte e logo escolhem um índio bem robusto para executá-lo. Quando o selvagem, já de tacape na mão, ia cumprir a sua missão, uma velha índia se lança contra ele e exclama:

“Suspende! Não ouses matar o enviado do Grande Espírito! A sua morte ser-te-ia funesta. Eu conheci aquele que matou há anos o primeiro roupeta preta (referia-se ao mártir padre João Villar) que aqui

veio; vi-o morrer de horrível morte, comido pelos bichos e transpassado dos maiores sofrimentos.”

Depois de ouvir esta admoestação, o silvícola soltou o tacape no chão e a velha índia convenceu o chefe daquela tribo a mandar embora, o mais rápido possível, o missionário, cuja morte traria muitos castigos para os guararés. Padre Malagrida foi então solto e jogado em uma canoa no rio Itapecuru, a qual corre ao sabor das correntezas.

Já havia decorrido algum tempo quando ouviu uns gritos: “Padre, padre!” e aproximando-se da margem encontrou um garoto caicaize que o acompanhara para ajudar a Santa Missa e, ferido na carnificina, fora dado como morto. Escondera-se na floresta e acompanhou o julgamento do santo missionário e de longe viu o seu embarque na canoa.

Mesmo ferido, conseguiu falar com o padre Malagrida que, feliz, o acolheu naquela embarcação e depois de cuidar de seus ferimentos, prosseguiu viagem até chegar à aldeia dos caicaizes. Alguns dias depois, não resistindo aos ferimentos recebidos, o indiozinho veio a falecer.

Para Deus, ainda não havia chegado a hora do martírio do padre Gabriel Malagrida, que ainda tinha importantes missões a cumprir junto àqueles bárbaros selvagens.

Depois de algum tempo de catequese das tribos que integravam a missão dos tobajaras, tendo já conquistado a amizade e confiança dos selvagens, resolveu o incansável sacerdote, em 1725, tentar uma aproximação com os barbados, temível nação indígena daquela região, assim conhecidos por usarem barbas; andavam completamente despidos, estabelecidos em plena floresta, nas proximidades do rio Mearim.

Várias tentativas já haviam sido feitas pelos portugueses, sem nenhum sucesso. A oportunidade de conquistá-los apareceu quando alguns de seus chefes foram até a aldeia dos caicaizes e ali se encontrava o abnegado missionário.

Este procurou falar com o líder deles, tendo o mesmo concordado em sua visita à aldeia dos barbados e, antes de isto se concretizar, o padre Malagrida foi a São Luís para obter a necessária autorização de seus superiores e conseguir alguns presentes para serem distribuídos com os silvícolas.

Partiu, então, com destino àquela tribo, em longa viagem de barco, e quando atracaram na margem do rio, alguns dos barbados que lá estavam logo se apoderaram de seus pertences; ao chegarem à aldeia

não havia mais presentes para distribuir. Isto decepcionou os chefes da tribo, que o abandonaram e logo planejaram a sua morte e de seus companheiros de viagem.

Advertido do plano, o padre Malagrida fugiu com os companheiros - dois neófitos - na madrugada do terceiro dia, mas perderam-se na floresta; alcançaram, no entanto, o rio Mearim, quando improvisaram uma jangada e partiram ao sabor da correnteza. Mais uma vez a Providência Divina não lhe faltou e, depois de alguns dias de viagem, encontraram um batel abandonado, mudando-se eles para o mesmo, prosseguindo até chegarem à aldeia de onde haviam partido.

Depois de se refazer da longa e fracassada aventura à aldeia dos barbados, viajou para São Luís onde recebeu um veemente apelo de seus superiores para voltar às atividades escolares no Colégio Maranhense, o que atendeu, em espírito de obediência, pois em sua alma permanecia sempre o ardor missionário.

Não se dedicou, porém, somente ao magistério; pregava nas igrejas da periferia de São Luís, atendia nos confessionários, assistia aos enfermos e agonizantes. Não aproveitava o período das férias escolares para um merecido e essencial repouso, mas deslocava-se para localidades mais distantes levando a Palavra de Deus àquelas populações ausentes da Igreja.

Em 1728 conseguiu novamente de seus superiores a licença necessária para voltar à catequese dos barbados que, derrotados fragorosamente pelos portugueses, imploram a paz e a ida de um missionário para ensinar-lhes a religião do verdadeiro Deus.

Esquece o que acontecera no passado e, juntamente com o padre Jerônimo Pereira e pequena escolta, dirige-se à aldeia da temível tribo, sendo ali recebido com muito contentamento. Depois de distribuir os habituais presentes, constrói duas cabanas, sendo uma para servir de oratório e a outra para sua moradia.

Graças à sua caridade e benevolência, foi aos poucos conquistando a confiança e estima daqueles selvagens, principalmente das crianças, que se reuniam em volta de sua pessoa para ouvir as prédicas do desprendido missionário.

Certa ocasião, os barbados foram atacados pelos acroás, outra terrível tribo que ainda não havia sido catequizada pelos missionários. Depois de uma horrenda luta, os barbados foram derrotados e só a muito

custo, o padre Malagrida conseguiu acalmá-los, afirmando que os acroás não voltariam mais a atacá-los, o que realmente aconteceu.

Muitos anos depois essa tribo foi catequizada, cabendo este mérito a outro jesuíta, o padre Antônio Machado, que ali permaneceu por seis anos, de 1751 a 1757, sofrendo as maiores privações e tendo muita paciência no cumprimento de sua nobre missão evangélica.

Detentor de vasta cultura e saber teológico, os superiores mais uma vez convocam o grande missionário Malagrida para retornar ao magistério no Colégio do Maranhão, o que ele atende por sua índole de obediência, mas sentindo imenso pesar em abandonar suas lides evangelizadoras. Ali permaneceu durante cinco anos (1730/1735) não deixando, nas suas horas livres, de percorrer as vizinhanças de São Luís para levar a Palavra de Deus àquela gente esquecida.

Volta a insistir junto ao Padre Geral da Companhia de Jesus pelo seu retorno às atividades missionárias, mas a grande dificuldade era conseguir um substituto que ocupasse as cadeiras de Teologia e Literatura naquele colégio.

Resignou-se em continuar no magistério e algum tempo depois recebeu do Padre Geral a desejada autorização para prosseguir em sua missão apostólica. Iniciou, então, a sua mais longa peregrinação, percorrendo as mais inóspitas regiões, totalmente agrestes, levando sempre a sua palavra de fé a todos os que o procuravam.

Sua extensa jornada o levou até ao Piauí e encontrava-se em Parnaíba quando ali chegou uma representação dos habitantes da ribeira do rio São Francisco, fazendo um veemente apelo para que fosse também missionar o povo da Bahia, tão sedento da Palavra de Deus.

Se dependesse de sua vontade partiria incontinenti, mas teve que solicitar a devida autorização dos superiores e só depois de concedida, iniciou sua viagem, sempre a pé, jornada que duraria dezessete meses, desde sua partida de São Luís, até os sertões da Bahia, onde chegou em princípios de 1736.

Missionário no nordeste brasileiro

Até chegar a Salvador, o padre Malagrida foi pregando as verdades eternas, em verdadeira missão apostólica, nas paróquias que ficavam em seu caminho.

Dirigia a Igreja da Bahia o ilustrado dom frei José Fialho, que fora monge cisterciense e doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra, antes de ser elevado às honras episcopais, primeiramente como bispo de Olinda (1725/1738) e, posteriormente, arcebispo da Bahia (1739/1741), quando foi removido para a diocese de Guarda, em Portugal, conservando, porém, o título de arcebispo-bispo deste bispado português.

Coube a este ínclito pastor receber em sua arquidiocese o nosso santo missionário, que ali permaneceu durante cinco anos, em constante atividade apostólica, pregando em suas igrejas e convertendo os pecadores para a prática do bem e o amor a Deus e ao próximo. Fundou um abrigo para as pobres mulheres vítimas de sedução, onde pudessem se regenerar e iniciar uma nova vida.

Tal foi o seu raio de ação na terra baiana que o próprio arcebispo dizia abertamente, a quem quisesse ouvi-lo, que “todo o bem praticado em sua vasta diocese era devido ao zelo apostólico do padre Malagrida”. Ainda ali se encontrava no cumprimento de sua missão evangélica quando recebeu um pedido do bispo de Olinda para levar também a Palavra de Deus ao povo pernambucano.

Ocupava a mitra de Pernambuco dom frei Luís de Santa Teresa, da Ordem dos Carmelitas Descalços, sucessor de dom frei José Fialho que fora promovido para o arcebispado da Bahia. Era natural de Lisboa onde nasceu em 25 de março de 1692 e, antes de ingressar na vida religiosa, chamava-se Luís Salgado de Castilho. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, ali lecionou durante vários anos e, como magistrado, foi membro do Tribunal de Desembargo do Paço e Corregedor da dita comarca de Coimbra.

Apesar de seu sucesso na vida pública e se prevendo mesmo um futuro promissor, resolveu, porém, abraçar a vida religiosa como carmelita descalço, tendo professado solenemente em 20 de janeiro de 1724, contando na oportunidade 32 anos de idade. Ordenado sacerdote, tal era a sua vasta cultura que foi logo designado professor de Teologia Moral, uma cadeira da mais alta responsabilidade, sobretudo para quem se iniciava no sacerdócio.

Eleito, mais tarde, bispo de Olinda, fez tudo para recusar esta honraria, mas o rei João V insistiu e o papa Clemente XII confirmou a indicação real. Foi um verdadeiro missionário em sua

imensa diocese que compreendia os atuais Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, pregando em suas igrejas com grande eloquência e permanecendo muitas vezes dia e noite no confessionário.

Coube a este notável bispo receber de braços abertos, em sua diocese, o seu colega missionário – digamos assim –, padre Gabriel Malagrida, que, partindo da Bahia no final de 1741, sempre a pé, veio peregrinando por onde passava, atraindo multidões e conquistando almas para o rebanho de Cristo.

Chegou a Olinda em março de 1742 e logo tratou de se apresentar a dom frei Luís de Santa Teresa, mas este, antecipando-se, foi ao encontro do santo missionário, manifestando na ocasião a grande alegria de tê-lo em seu bispado. Malagrida permaneceu em Pernambuco até pelos idos de 1746, sempre pregando em suas igrejas, promovendo concorridas procissões pelas ruas da cidade, atendendo os fiéis no confessionário, sem falar nas curas e conversões efetuadas. Posteriormente estendeu suas missões por outras localidades, como em Goiana, até chegar a Paraíba, em cuja capital marcou sua presença com a fundação de um seminário, tal como faria no ano de 1749, em Belém, no Pará.

Embora se mantivesse em constante atividade apostólica, o abnegado missionário observava sempre um rigoroso jejum e seu repouso noturno não ultrapassava três horas de sono, quando então se levantava para fazer suas preces junto a Deus Pai.

Teria permanecido por mais tempo no Nordeste brasileiro, mas o novo bispo do Maranhão, dom Manoel da Cruz, tomando conhecimento dos seus notáveis feitos, pediu a seus superiores que o trouxessem de volta para São Luís. Obediente às ordens recebidas, o padre Gabriel Malagrida iniciou sua longa viagem de regresso, sempre a pé, e uma das localidades cearenses onde ele permaneceu por alguns dias para se refazer da cansativa jornada foi Viçosa, onde também pregou a Palavra de Deus para seus habitantes.

Vejamos o depoimento do padre João Brewer, que ali se encontrava, sobre as atividades deste grande missionário:

Depois de um sono brevíssimo, o santo padre começava a meditar. Recitadas as horas canônicas, dirigia-se ao confes-

sionário e daí por volta da hora décima da manhã, subia ao tablado e explicava a doutrina cristã.

Permanecia em ação de graças até a primeira hora da tarde e até mais. Voltando a casa, comia umas poucas favas ou um pouco de leite.

Sua estadia em Viçosa foi de 5 a 17 de fevereiro de 1747 quando reiniciou sua viagem, chegando à capital maranhense no dia 11 de maio desse mesmo ano. Foi recebido entusiasmamente pelo povo e conduzido processionalmente até à residência episcopal onde o aguardava o novo pastor, dom Manoel da Cruz. Iniciou, a seguir, as suas pregações que se estenderam depois ao interior, como aconteceu em Alcântara, ali passando oito dias na evangelização de seus habitantes.

Algum tempo depois, dom Manoel da Cruz foi transferido para a diocese de Mariana, em Minas Gerais, sendo substituído por dom Francisco de São Tiago, que encarregou o padre Malagrida de fazer uma missão geral em suas igrejas.

Tentou, sem sucesso, fundar um seminário em São Luís, como já o fizera na Paraíba e depois em Belém, mas o bispo dom Tiago não o permitiu, alegando que isto era competência do diocesano.

Mais uma vez foi enviado para missionar no Pará, atendendo o pedido do seu novo pastor, dom Miguel Bulhões, membro da ordem dos Dominicanos, que o encarregou de pregar em sua vasta diocese.

Várias foram as instituições fundadas pelo dinâmico missionário nas cidades onde realizou o seu trabalho apostólico, destacando-se um abrigo feminino, depois transformado no Colégio Santa Teresa, em São Luís; o convento da Soledade, em Salvador, que abrigava mulheres de vida pública e convertidas para o bom caminho; outro convento, o do Sagrado Coração de Jesus, em Igarassu, Pernambuco, inaugurado em 1742, também destinado a prostitutas regeneradas, além de muitos asilos e oito igrejas construídas ou restauradas.

Enfrentando dificuldades para a manutenção de tão beneméritas entidades, o padre Gabriel Malagrida, depois de obter a necessária autorização de seus superiores, viajou no dia 7 de dezembro de 1749 para Portugal; lá tentaria obter do piedoso rei dom João V, que se encontrava muito enfermo, uma ajuda financeira em benefício de tão meritórias obras sociais.

Na corte portuguesa

Depois de longa e tenebrosa viagem, o santo missionário desembarcou em Lisboa e, o soberano, tomando conhecimento de sua chegada, mandou chamá-lo ao palácio e, ao recebê-lo, ajoelhou-se com muita dificuldade, pois sofria de dolorosa paralisia em seus membros, pedindo a bênção e colocando a mão do sacerdote em seu rosto.

Emocionado diante deste quadro, vendo tão poderoso monarca genuflexo a seus pés, o padre Malagrida fez a seguinte prece: “Senhor, nós vos pedimos que olheis para o rei vosso servo!”. Ao ouvir esta súplica, dom João V exclama com humildade: “Não, meu padre, não digais rei, dizei pecador”.

Depois desta carinhosa recepção, ele expõe ao soberano o motivo de sua viagem a Portugal: obter ajuda financeira para as diversas obras sociais que fundara no Brasil.

Agravando-se o estado de saúde do monarca, coube ao venerando sacerdote prestar os socorros da Igreja, permanecendo na cabeceira do enfermo até seu falecimento, ocorrido no dia 31 de julho de 1750, por coincidência dia da festa de Santo Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus.

Ao tomar conhecimento de sua morte, o papa Bento XIV, que se encontrava reunido com os cardeais, exclamou: “Ditoso! Feliz aquele nosso fidelíssimo filho, que teve Malagrida por diretor e que em seus braços expirou!”.

Antes de morrer, o piedoso monarca atendeu todos os pedidos que lhe haviam sido feitos pelo santo missionário, dando-lhe, inclusive, poderes para edificação de novas casas religiosas, onde julgasse necessárias e proveitosas para a salvação dos fiéis. Consignou, ainda, de sua renda pessoal, uma doação de oitocentos cruzados para cada entidade criada.

Quando foi despedir-se da rainha Maria Ana de Áustria, esta, que presenciara toda a dedicação do abnegado missionário no leito de morte do marido, manifestou o desejo de que ele permanecesse em Portugal, para assistir, também, sua partida para a eternidade, que julgava estar perto de acontecer. O padre Malagrida respondeu incontinenti que necessitava viajar para continuar sua missão apostólica, mas prometeu retornar a Portugal no tempo oportuno para assisti-la em sua última doença.

A rainha, concordando, respondeu com estas palavras: “Consinto em vossa partida, com essa condição; e não me olvideis em vossas orações”.

Retornando ao Brasil

Após este entendimento, tratou de retornar ao Brasil em navio cargueiro que estava prestes a partir, mas a rainha obrigou-o a seguir viagem em uma nau do governo, na qual viajaria, também, d. Francisco Xavier de Mendonça, irmão do futuro marquês de Pombal, nomeado governador do Grão-Pará.

Antes de iniciar a longa jornada, veio a receber a bordo da embarcação uma carta do novo rei, dom José I, designando-o conselheiro real nas possessões portuguesas de além-mar.

Teve o desembarque em São Luís no dia 26 de julho de 1751 e seu primeiro ato foi promover uma procissão com a imagem milagrosa de Nossa Senhora das Missões, que o acompanhava sempre em suas peregrinações, até o colégio dos jesuítas.

Continuava o dedicado missionário com a idéia fixa de fundar o seminário do Maranhão, mas este seu desejo só veio a se tornar realidade quando do falecimento do opositor deste propósito, o bispo dom Francisco de São Tiago, tendo esta casa de formação religiosa sido inaugurada em 8 de setembro de 1753, contando com a presença de muitos jovens que desejavam abraçar a vida sacerdotal.

Quando se encontrava no desempenho de suas atividades apostólicas, eis que recebe uma carta do próprio punho da rainha Maria Ana de Áustria, viúva de dom João V, fazendo um veemente apelo para que ele retornasse a Lisboa, pois sentia, com imenso pavor, aproximar-se a hora final de sua existência. Diante desta situação e lembrando-se da promessa feita quando se despedira de sua augusta majestade, o padre Gabriel Malagrida teve de deixar suas atividades missionárias e preparar-se para viajar mais uma vez a Portugal, de onde não mais retornaria ao Brasil, pois um inimigo forte cruzaria em seu caminho: o marquês de Pombal.

Apesar de uma longa demora, fez uma viagem sem anormalidades e chegou em Lisboa em princípios de 1754 e no mesmo dia apresentou-se à rainha, a quem disse, na oportunidade, estas palavras:

– “Senhora, fiel à promessa que fiz à vossa majestade há três anos, antes de sair à América, venho consagrar ao vosso serviço o restante de meus dias.”

Iniciou-se, então, uma convivência diária entre o santo missionário e a piedosa rainha, que confiava as suas mágoas e decepções àquele ministro de Deus. Este procedimento causou logo uma grande inveja, para não dizer ódio, a Sebastião José de Carvalho, recém-nomeado secretário de Estado do novo rei, dom José I, que não admitia a influência do padre Gabriel Malagrida na corte real.

O Marquês de Pombal

Sebastião José de Carvalho iniciou-se na vida pública como embaixador de Portugal, primeiramente na Inglaterra e depois na Áustria, praticamente as duas principais cortes européias daquela época.

Em Viena, contraiu segundas núpcias com uma senhora da ilustre casa de Daun e quando retornou para Lisboa encontrava-se vago o cargo de secretário de Estado, ao qual se habilitou, mas o rei de então, dom João V, jamais concordou em confiar-lhe este importante ministério.

O Marquês de Pombal fez tudo para obter a nomeação, valendo-se, inclusive, da rainha Maria Ana de Áustria. Esta ainda tentou ajudá-lo valendo-se do jesuíta padre João Batista Carbone, a quem o monarca dispensava especial atenção.

Dom João V, porém, mostrou-se sempre irredutível e, quando lhe falavam em Sebastião José de Carvalho para secretário do governo, dizia:

– “Conheço cabalmente o espírito turbulento, hipócrita e audacioso de Carvalho; descende de uma família vingativa, cruel e furiosa”.

Quando aconteceu o falecimento deste soberano, ele voltou a reivindicar a função e, através da rainha Maria Ana de Áustria, conseguiu o seu intento.

O novo rei, dom José I, era casado com a princesa espanhola Mariana Vitória de Bourbon e tinha quatro filhas; a primogênita, Maria Francisca, o sucederia no trono português, quando de sua morte em 1777, com o nome de dona Maria I.

Ao receber o pedido de sua veneranda genitora, o monarca o atendeu em prova de consideração e respeito, nomeando o futuro Mar-

quês de Pombal para o cargo de secretário de Estado, função que correspondia ao posto de primeiro-ministro. A pobre rainha faleceu no dia 14 de agosto de 1754, não chegando a ver o grande mal que fizera ao indicar Sebastião José de Carvalho, o qual iniciaria tenaz campanha contra os jesuítas e, de modo especial, ao padre Gabriel Malagrida.

De início, ele soube logo granjear a confiança do inexperiente rei, fazendo uma administração centralizadora, anulando praticamente a ação de seus colegas de ministério.

Não se pode, todavia, desconhecer as suas realizações em longo governo de mais de duas décadas (1754/1777), como veremos a seguir, através das palavras de Aref Claude Srour, na Introdução do livro *História de Gabriel Malagrida*, de autoria do padre Paul Murry:

No tocante às suas realizações, vejamos: para impedir o escoamento do ouro brasileiro para as mãos inglesas, proibiu a exportação do metal e combateu o domínio britânico que praticamente satelitizava Portugal; liberalizou o regime de exportações, estimulando-as com a redução de gastos em que incorriam; reconstruiu Lisboa de forma magnífica, depois do mortífero terremoto de 1755; protegeu os cristãos novos (judeus convertidos); estimulou a agricultura, o comércio, a indústria e navegação; reorganizou a Universidade de Coimbra num espírito racionalista, sobretudo no aspecto do ensino das Matemáticas e das Ciências Naturais; disciplinou as despesas governamentais e modernizou a cobrança de impostos com uma burocracia competente e centralizada; proibiu o tráfico negreiro para Portugal em 1761 e declarou livres os descendentes de escravos, em 1773.

No que diz respeito ao Brasil, liquidou o regime de donatarias, adquirindo ou confiscando as onze capitanias hereditárias restantes, para finalmente extingui-lo em 1759.

Transferiu a capital do Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763, fixando judiciosamente o centro administrativo mais próximo às minas de ouro, bem como as regiões do Sul e Oeste, em virtude dos freqüentes conflitos com os espanhóis.

Favoreceu os casamentos de brancos com indígenas, equiparando estes àqueles (1755). Promoveu a liberdade do gentio, em 1758.

Pretendendo arrebatrar aos ingleses o comércio entre Portugal e o Brasil, criou duas Companhias Gerais de Comércio: a do Grão-Pará e Maranhão (1755) e a de Pernambuco e Paraíba (1759).

Em contrapartida, perseguiu impiedosamente Malagrida, conver-

tendo-o em bode expiatório de suas graves desavenças com a Companhia de Jesus.”

Por sua dinâmica atuação na reconstrução de Lisboa, após o terrível terremoto, Sebastião José de Carvalho recebeu o título de conde de Oeiras e, posteriormente, em 1770, foi promovido a marquês de Pombal, como se tornou conhecido até os nossos dias.

Perseguição de Pombal ao padre Malagrida

A perseguição do Marquês de Pombal ao padre Gabriel Malagrida iniciou-se quando este, atendendo a um apelo da rainha-mãe, Maria Ana de Áustria, foi do Brasil para Portugal para assisti-la em seus últimos momentos, conforme já mencionado.

O missionário era visto diariamente na corte portuguesa, onde desfrutava de prestígio e grande influência, não só junto à rainha-mãe, como igualmente ao seu filho, o rei dom José I, o que era motivo de inveja e ódio do novo secretário de Estado.

Certa ocasião, o padre Malagrida, ao retirar-se do paço, encontrou-se na escadaria com o poderoso marquês e, como não o conhecia, passou adiante. Este gesto melindrou profundamente a Pombal que o reteve pelo braço e perguntou-lhe se não o conhecia.

– “Não tenho essa honra”, respondeu o missionário.

– “Como”? exclamou o marquês, “o padre vive na corte e não conhece o secretário de Estado”?

O padre Malagrida, um tanto confuso e perturbado, lançou-se aos pés do ministro, pedindo as suas desculpas, alegando que acabara de chegar do Brasil, e lhe perdoasse essa falta involuntária.

Depois, em tom respeitoso, o missionário voltou a falar com o marquês, dizendo:

– “Agora que tenho a honra de conhecer e falar a V. Excia., permita-me, senhor, que lhe faça um pedido: é o de retirar do Brasil o seu irmão, o sr. Mendonça; porque é tanto o ódio que seus processos administrativos já lhe têm granjeado, que eu lhe futuro alguma desgraça, se ele não se evade depressa à vingança de seus inimigos.”

Não sabia o padre Malagrida que Francisco Xavier de Mendonça estava no Brasil para servir aos desígnios de seu irmão, o marquês de Pombal.

– “Hei de pensar nisso”, foi a resposta ríspida do ministro.

Irritado, tanto pelo desconhecimento do missionário à sua pessoa como pela audácia de denunciar o seu próprio irmão, o marquês tomou a decisão de afastá-lo o quanto antes da corte e, mais tarde, desterrá-lo para Setúbal. Era um homem severo e cruel, descendente de um fidalgo provinciano que sempre fora desprezado pela velha nobreza de Portugal.

Várias vezes ocorriam desavenças de Pombal com os nobres da corte, toleradas pelo rei dom José I, que confiava cegamente no ministro, pela sua capacidade de trabalho, liderança competente e sobretudo pela sua atuação após o terremoto ocorrido em Lisboa no dia 1.º de novembro de 1755. Esta lamentável tragédia, que reduziu a capital portuguesa a um monte de ruínas, provocou o rompimento total de Pombal com o padre Malagrida.

Enquanto o marquês afirmava que o cataclismo não era nada mais que um fenômeno natural, o missionário publicou um livrinho que foi distribuído à população, atribuindo o terremoto aos pecados e à falta de piedade dos homens para com Deus e propondo ao povo rezar e fazer penitências para aplacar a ira do Senhor.

Irritado, Pombal conseguiu o desterro do padre para Setúbal, apesar de sua atuação em favor dos desabrigados e que foi inclusive motivo de elogios do próprio rei dom José I. Iniciou, também, uma terrível campanha contra a Companhia de Jesus, primeiramente proibindo os jesuítas de serem confessores da família real (1757) sob o pretexto de terem difamado o monarca.

Mais tarde, em 2 de maio de 1758, conseguiu que o papa Bento XIV interviesse na própria Companhia, nomeando um Visitador e Reformador, na pessoa do cardeal Saldanha, amigo pessoal de Pombal e a quem devia o seu chapéu cardinalício.

Em setembro de 1759, os jesuítas foram expulsos de Portugal e de seus domínios, sendo considerados corrompidos, rebeldes, traidores, adversários e agressores contra a figura do rei. No ano seguinte, eles se retiraram do Brasil, sendo 199 do Rio de Janeiro, 133 do Pará, 124 da Bahia e 53 de Pernambuco, tendo os seus colégios fechados e as missões indígenas abandonadas.

Não satisfeito ainda, Pombal influenciou outras cortes européias na campanha contra a Companhia de Jesus, como a França que os expulsou em 1764 e a Espanha em 1767.

Sebastião José de Carvalho conseguiu, enfim, realizar o seu grande sonho quando, com o apoio de outras nações católicas, obteve do papa Clemente XIV a extinção da Companhia de Jesus, em 1773.

Somente quarenta e um anos depois, ou seja, em 1814, ela seria reabilitada, no pontificado do papa Pio VII; e os jesuítas retornariam ao Brasil alguns anos mais tarde, primeiramente com um modesto colégio em Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina. Ali, eles receberiam em 1845, uma visita do imperador dom Pedro II, que se fazia acompanhar do bispo do Rio de Janeiro, dom Manuel Montes Araújo, que tinha o título de conde de Irajá.

Martírio do padre Malagrida

Retornemos, porém, ao passado e voltemos à presença do padre Gabriel Malagrida que se encontrava desterrado em Setúbal, dedicando-se à sua missão apostólica, junto aos seus habitantes, promovendo os conhecidos Exercícios de Santo Inácio, que atraíam multidões de fiéis e até mesmo os nobres da corte, como os marqueses de Távora.

Ali se encontrava quando, em 3 de setembro de 1758, houve um atentado contra a figura real de dom José I, atribuído injustamente à família Távora e, sendo o missionário amigo íntimo, conselheiro espiritual de vários membros desse clã, tornou-se alvo preferido do marquês de Pombal que recebera ordem do rei para punir os responsáveis por tão lamentável acontecimento.

Com esta autorização, Sebastião José de Carvalho entrou em ação, mandando prender os membros das famílias Távora e Aveiro, além de cercar as comunidades jesuítas. Criou um tribunal extraordinário para julgar os supostos réus, os quais sofreram as mais cruéis torturas como o duque de Aveiro que, vencido pela dor, citou os nomes do padre Malagrida e outros jesuítas, embora depois se retratasse.

O tribunal determinou a execução de todos, inclusive mulheres e crianças, e se não fosse a intervenção da rainha Mariana Vitória de Bourbon e de sua filha Maria Francisca – a futura rainha dona Maria I, teriam sido todos executados.

O padre Gabriel Malagrida tentou por todos os meios provar a sua inocência, não conseguindo sequer ser recebido pelo cardeal Saldanha e outras autoridades eclesiásticas.

No dia 11 de janeiro de 1759, ele foi preso juntamente com o provincial, padre João Henrique, e mais os padres José Moreira, Temóteo de Oliveira, João Alexandre de Souza e João de Matos, todos conduzidos às masmorras, onde aguardaram julgamento.

Além de considerá-lo implicado no atentado a dom José I, o marquês de Pombal denunciou Malagrida, como herege, no Tribunal do Santo Ofício. Os juizes, depois de examinarem o caso declararam que não havia razões plausíveis para condenar o religioso. Sebastião José de Carvalho não se deu por vencido: substituiu o inquisidor geral, por seu irmão Paulo de Carvalho Mendonça, e o dominicano frei Francisco de São Tomaz, outro membro do Santo Ofício, os quais se recusaram a manchar suas mãos no sangue inocente do padre Malagrida.

Assim, depois de mais de dois anos de prisão, um novo Tribunal do Santo Ofício, inteiramente manipulado pelo poderoso Marquês de Pombal, deu em janeiro de 1761 a sua sentença infame e escandalosa em que o padre Gabriel Malagrida era declarado réu de heresia, blasfêmias, falsas profecias e muitas outras acusações injustas. Foi degradado das ordens e condenado a ser queimado na fogueira em praça pública.

O dia 21 de setembro de 1761 foi a data escolhida para a execução do grande mártir jesuíta e Sebastião José de Carvalho empenhou-se para que o acontecimento fosse realizado com a maior pompa possível, assumindo pessoalmente a sua programação.

Fez construir em torno da praça do Rossio palanques para a nobreza e o povo, especialmente convidados para este horrendo espetáculo. A tropa ocupava a praça e as ruas vizinhas para manter a ordem da imensa multidão, e em frente ao cadafalso, em palanque luxuosamente decorado, encontravam-se o monarca e sua corte em lugares de destaque.

O padre Malagrida saiu do cárcere com as mãos atadas às costas, ladeado por dois padres beneditinos e outras duas pessoas a servirem-lhe de padrinhos na cerimônia do auto-de-fé, de acordo com o ritual. Atrás dele caminhavam mais de cinqüenta condenados, mas o santo missionário foi o único a ser executado naquele dia, de morte cruel e infame.

Quando o missionário se aproximou do patíbulo, um comissário do Tribunal do Santo Ofício leu a sua sentença de morte e, depois, o bispo coadjutor do cardeal patriarca de Lisboa procedeu a cerimônia de degradação, exortando-o, na oportunidade, a confessar os seus crimes e a pedir perdão ao rei e ao povo pelo escândalo que causara.

O padre Gabriel Malagrida respondeu com muita dignidade e altivez:

– “Desde que pus os pés na terra portuguesa, servi sempre a sua majestade fidelíssima como bom e leal súdito; contudo, se, por ignorância, o ofendi na mínima coisa, eu lhe peço humilde e sinceramente perdão.”

Depois de proferir estas palavras diante de um profundo silêncio da multidão, entregou-se ao carrasco e antes de ser executado e queimado na fogueira, pronunciou suas últimas palavras: – “Senhor, havei piedade de mim; em vossas mãos entrego a minha alma”. Contava na ocasião 72 anos de idade, dos quais vivera meio século na Companhia de Jesus.

O padre Rodrigues – cujo nome completo não conseguimos descobrir –, teve a ventura de conhecê-lo pessoalmente e fez uma descrição de seu retrato:

“Malagrida era de estatura mediana: em seu rosto, onde transparecia uma nobre dignidade, lia-se a índole modesta e branda; ordinariamente estava pálido, mas se falava das coisas de Deus, purpureavam-se-lhe as faces; brilhavam-se então os olhos com umas cintilações de extraordinário fulgor; a testa era saliente, mas não larga; o nariz era bem feito, os beiços rubros, os cabelos louros e as barbas longas que por maravilha encaneceram antes do cabelo. Todo o seu exterior respirava santidade, e ninguém que o visse deixaria de respeitá-lo e admirá-lo”.

Quando a notícia desse terrível suplício se espalhou pela Europa uma onda de revolta e indignação se ergueu contra o autor de tamanha iniquidade e o grande pensador francês, Voltaire, fez este comentário ferino: “Assim, o excesso do ridículo e do absurdo juntou-se ao excesso de horror”.

O então pontífice, Clemente XIII, ao tomar conhecimento da morte cruel e injusta do grande missionário, assim se pronunciou: “A Igreja de Jesus Cristo tem mais um mártir” e em seguida mandou gravar um retrato do padre Malagrida com uma honrosa inscrição onde se dizia que ele morrera pela justiça e pela verdade.

O seu martírio mereceu uma verdadeira consagração póstuma no mundo cristão e em todas as casas da Companhia de Jesus, os sinos repicaram durante vários dias, como se a sua morte fosse a de um santo, como realmente o era.

Em toda a sua vida missionária, por onde andou levando a Palavra de Deus, os elogios à sua pessoa eram constantes.

Eis o que disseram a seu respeito os capuchinhos da Bahia em carta ao seu superior geral, em Roma:

“Vão bem os nossos negócios, mercê dos muitos milagres do padre jesuíta Gabriel Malagrida. É um santo em obras e palavras: é o Xavier de nosso tempo. Bem que a corte de Lisboa, o reino de Portugal, e todas as suas colônias formem sublime conceito deste ardente apóstolo, fique nossa Paternidade certo que esta reputação está longe de corresponder ao seu imenso mérito, e a sua heróica virtude.

Temos sido e somos testemunhas oculares. Cada dia temos que admirar-lhe a austeridade de vida, o zelo ardente e o espírito de oração; cada dia lhe descobrimos novas virtudes e favores que o céu concede somente aos seus maiores servos. Quando for preciso para a glória de Deus e honra da douta Companhia a que ele pertence, prontos estamos a confirmar com juramentos tudo o que deixamos dito”.

O elogio maior, e em poucas palavras, fez o superior geral da Companhia de Jesus, o padre Francisco Retz: “Eu não creio que a Sociedade toda hoje possua missionário comparável ao padre Malagrida”.

A justiça divina castiga os seus opositores

Em 1777, faleceu o rei dom José I e foi sucedido pela sua filha, a princesa Maria Francisca, extremamente religiosa, que assumiu o trono com o nome de d. Maria I.

Ela sempre manifestou desprezo total pelo marquês de Pombal, desde as execuções da Família Távora, cujo acontecimento muito lhe abalou e um dos seus primeiros atos foi abolir a pena de morte.

Forçou, em seguida, a demissão de Sebastião José de Carvalho, despojando-o de todos os poderes, reduzindo-o à condição de simples cidadão e proibindo sua presença a uma distância de vinte milhas de Lisboa.

Um grito de vingança contra Pombal partiu de todos os recantos de Portugal, especialmente das oitocentas vítimas restituídas à liberdade e que pediam justiça.

O mesmo Tribunal com que ele havia condenado tantos inocentes, iniciou um processo contra sua pessoa, mas a interferência da própria rainha d. Maria I, por compaixão de sua velhice, o perdoou.

Desterrado para Pombal, ali faleceu aos 83 anos, recusando os favores da Religião e esquecido daqueles a quem tanto serviu.

Também as três personagens – Paulo de Carvalho Mendonça, João Mancilha e Nuno Álvares Pereira, que assinaram a sentença de morte do padre Gabriel Malagrida, tiveram os castigos divinos.

O primeiro, elevado pelo seu irmão, o marquês de Pombal, como inquisidor geral do Santo Ofício contra todas as regras de Direito e de Justiça, teve uma morte inesperada.

João Mancilha foi preso e processado por ordem de d. Maria I e condenado à prisão perpétua.

O inquisidor Nuno Álvares, que comemorou a execução do padre Malagrida com um lauto jantar, foi acometido de uma estranha doença, exalando de seu corpo um fedor insuportável, sendo abandonado por seus familiares e amigos. Faleceu impenitente e nunca quis reconciliar-se com a Igreja.

Como vimos, a Justiça Divina puniu todos aqueles que injustamente perseguiram e executaram este grande mártir, cuja gloriosa existência foi totalmente dedicada a Deus e ao próximo.

Decorridos quase dois séculos e meio de seu falecimento, estranhemos que o seu nome não figure ainda na galeria dos grandes santos que a Companhia de Jesus deu à Igreja de Cristo: Inácio de Loyola, Francisco Xavier, Luís de Gonzaga, João de Brito, Bernardino Realino e muitos outros, cujos nomes não me ocorrem no momento.

Através destas linhas, rendemos também a nossa homenagem de veneração e respeito a este grande apóstolo da Fé, nome que tanto honra e dignifica o mundo cristão!

Bibliografia

CALMON, Pedro. *História da Igreja no Brasil*.

CÂMARA, Fernando. O Tricentenário da Diocese de Pernambuco. *Revista do Instituto do Ceará*, 1976.

_____. A Diocese do Maranhão e seu Tricentenário. *Revista do Instituto do Ceará*, 1977.

_____. Dom Antônio Macedo Costa - um modelo para o episcopado brasileiro. *Revista do Instituto do Ceará*, 1980.

_____. O Seminário de Olinda e seu fundador. *Revista do Instituto do Ceará*, 1986.

_____. O sesquicentenário de Dom Jerônimo Tomé da Silva. *Revista do Instituto do Ceará*, 2000.

MURY, Padre Paul. *História de Gabriel Malagrida*.